

um trabalho que é muito mais do que isso. Fazer tal afirmação é limitar o estudo a um universo filológico, num sentido restrito, que poderá ocultar as implicações que tem e o alcance das conclusões a que chega para a percepção do Mundo Antigo. Partindo de casos concretos, R. Langlands atinge a reflexão sobre o conceito em abstracto sem, porém, nunca abandonar as apropriações do concreto, evitando o risco de cair numa especulação filosófica pura sem qualquer aplicação prática. Na verdade, é de homens e mulheres reais que se trata e é esse princípio que dirige o seu estudo.

Uma bibliografia actualizada e índices temáticos e *locorum* completam este livro, que se apresenta assim de importância significativa para todos os que se dedicam à história e culturas da Antiguidade Clássica. Só teríamos a ganhar se alguma editora o publicasse por cá, em tradução competente.

Nuno Simões Rodrigues

SANDRA R. JOSHEL, MARGARET MALAMUD, DONALD McGUIRE Jr., eds., *Imperial Projections. Ancient Rome in Modern Popular Culture*, Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 2005, pb., 299 pp. ISBN 0-8018-8268-0.

Imperial Projections é um projecto coordenado por S. R. Joshel, M. Malamud e D. McGuire Jr., professores universitários norte-americanos, especialistas em diversos domínios dos Estudos Clássicos. Associando a si outros obreiros do mesmo ofício, decidiram estes levar a bom termo a publicação de uma obra conjunta, cujo objectivo é o estudo das recepções da história e cultura romanas na cultura popular contemporânea. O resultado é um livro de interesse substancial, dividido em vários capítulos autónomos, que se lê com particular agrado, uma vez que, nele, encontramos pistas e respostas para expressões e representações culturais do nosso quotidiano, enquanto ocidentais.

Assim, partindo do princípio que a Roma Antiga tem invadido o universo popular actual, de filmes a programas televisivos, de romances históricos (hoje particularmente prolíficos e com muitos e variados níveis de qualidade) a peças de teatro, da banda desenhada a jogos para computadores, da publicidade aos brinquedos, ganha toda a pertinência o estudo das formas da sua recepção, uma vez que é nestes que se percebe o quanto existe de apreensão «correcta» e o

quanto é «deturpação» ou, talvez mais bem colocado, «recriação» popular, e quais os meios usados para o concretizar. É pertinente, por exemplo, que um filme como *Gladiator*, de R. Scott, apresente aos seus auditórios a vida dos gladiadores da Roma Antiga, como se de atletas olímpicos contemporâneos se tratasse. Fá-lo, porque essa é uma percepção deficiente do passado, que se traduz na deformação, ou, pelo contrário, numa intencionalidade derivada da busca da garantia da audiência hodierna e que, também por isso, contribui para a reprodução da deformação? Em parte, encontramos a resposta a esta questão nesta obra. Não serão, por certo, poucos os exemplos das «ideias feitas» ou *clichés* populares erróneos, no que diz respeito à história de Roma, derivados e reproduzidos pela cultura popular.

Além da introdução, o livro é constituído por nove estudos. O primeiro, da autoria de W. Fitzgerald, «Oppositions, Anxieties, and Ambiguities in the Toga Movie», inicia a fatia de leão dedicada à recepção do mundo romano no cinema. A «sétima arte» será, aliás, a mais popular das expressões culturais contemporâneas, tendo já um *curriculum* apreciável no que diz respeito ao tratamento dos temas clássicos, em particular os romanos. Fitzgerald estuda aqui a recepção de Roma em filmes como *Quo Vadis?*, *Spartacus*, *The Sign of the Cross* e *Ben-Hur*. São pertinentes para a compreensão do seu êxito variáveis como a época de produção, a origem cultural dos realizadores ou até mesmo os elencos escolhidos. Uma vez mais, este A. destaca um dos pormenores mais curiosos neste tipo de produções: a associação dos actores britânicos aos vilões e das *stars* do sistema norte-americano aos heróis. M. W. Winkler, conhecido pelos seus estudos dedicados às relações entre o cinema e a cultura clássica, é o autor do segundo texto, «The Roman Empire in American Cinema after 1945». Trata-se de uma investigação que segue a mesma linha do que a anterior, mas incidindo nas relações entre política contemporânea e projecção cinematográfica. Estamos, portanto, no domínio da utilização do espectáculo de massas para a passagem da mensagem política. Temas como os fascismos, a guerra, o holocausto, por exemplo, são perceptíveis em filmes «de toga», tão populares na segunda metade do século XX. O terceiro artigo é da autoria de A. Futrell e intitula-se «Seeing Red: Spartacus as Domestic Economist». Como indica o título, o filme *Spartacus*, de S. Kubrick, é o centro das atenções neste estudo. O tema que lhe subjaz não poderia deixar de ser o comunismo e a sua importância na história do Ocidente, em particular na dos EUA. Depois lemos «*I, Claudius*: Projection and Imperial Soap Opera», de S. R. Joshel. Desta vez entramos no domínio da outra

faceta da produção cinematográfica, feita para uma audiência ainda mais massificada do que o cinema em si mesmo: a televisão. Com a adaptação do célebre romance de R. Graves ao pequeno ecrã, sob a direcção da BBC, a história romana como que se converteu numa telenovela ou, como dizem os norte-americanos, numa *soap opera*, comparável a outras do tipo *Bonanza*. Há que dizer, porém, que talvez seja demasiado exagerado comparar a qualidade de uma produção como a que a rede televisiva inglesa fez das vidas dos Júlio-Claúdios com a conhecida série de género *western*. Em quinto lugar, N. J. Cull estuda a comédia cinematográfica, de vários níveis, há que dizê-lo, e suas relações com a cultura clássica e com o próprio *peplum*, através de filmes como *Carry on Cleo*. O estudo tem por título «"Infamy! Infamy! They've All Got It in for Me!": *Carry on Cleo* and the British Camp Comedies of Ancient Rome» e nele encontramos também algumas reflexões sobre aquela que poderá ser considerada matricial nesse tipo de produções: *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum*, com o fabuloso Zero Mostel. A existência de personagens, neste tipo de produções, com quem o público menos erudito se identifica, como escravos trapalhões e ao mesmo tempo ousados, seria uma das receitas para o êxito. Neste sentido, não podemos negar a influência plautina nestas representações, pelo que, também por esse aspecto, são igualmente válidas. «Brooklyn-on-the Tiber: Roman Comedy on Broadway and Film», de M. Malamud, centra-se nas actuais adaptações de temas da Antiguidade romana no teatro norte-americano, em particular o noviorquino, uma das forças motrizes da cultura norte-americana. É esta mesma A. que escreve «Serial Romans», estudando o êxito que o romance histórico tem conhecido na última década. Obras como a série *The First Man in Rome*, de C. McCullough, que teve igual sucesso entre nós, apesar da considerável extensão de cada um dos romances da série, encontra aqui o seu espaço de análise. No capítulo oitavo, recupera-se um texto de M. Wyke, «Shared Sexualities: Roman Soldiers, Derek Jarman's *Sebastiane*, and British Homosexuality», de particular significação, dado que estuda um filme considerado maldito, de um realizador tido como maldito, com particular eco nos nossos dias, pelas temáticas que aborda. A vida de S. Sebastião, santo cristão de origem romana, é abordada no filme de Jarman numa perspectiva *underground-gay*, recuperando o valor iconográfico do universo homoerótico que a figura daquele santo representa para a cultura em causa. Para o efeito, não terá também sido estranha a associação popular entre a cultura clássica e o homoerotismo. M. Wyke estuda precisamente as formas como essa relação se concretiza, no

filme de Jarman: a passividade da imagem do santo, a sua efeminização, a violência erótico-subtil são aspectos aqui salientados. Há que destacar, porém, um aspecto particularmente importante na produção de Jarman: o facto de o filme ser inteiramente falado em latim, revelando-se, por isso, ironicamente precursor de *The Passion of the Christ* de M. Gibson. O último estudo desta colectânea é dedicado a um tema original: o das relações entre a Antiguidade Clássica e o universo de Las Vegas, a partir do estudo da fisionomia de uma das «catedrais» mundiais do jogo, o *Caesar's Palace*. Assim, em «Living like Romans in Las Vegas: The Roman World at Caesar's Palace», em co-autoria de M. Malamud e D. T. McGuire, percebem-se as razões que levaram à associação dos dois ícones culturais, sendo muito provavelmente o *topos* popular do luxo/luxúria/Roma Antiga o motor dessa relação. Pelo meio, fica o jogo, bem inserido na imagética clássica por uma determinada conotação pecaminosa e, conseqüentemente, afim do paganismo antigo.

O saldo é francamente positivo. Encontramos uma deficiência, porém. Os AA. partem do princípio que este conjunto de estudos permite a compreensão das recepções coevas do mundo romano antigo, no eixo cultural anglo-saxónico, como se o seu impacte se ficasse por aí. Parecem esquecer, todavia, que esse mesmo eixo cultural é o que actualmente impera no Ocidente, derivado do processo de globalização em que vivemos, consideremo-lo positivo ou negativo. Como tal, ao estudar tal matriz estuda-se igualmente a cultura ocidental e suas projecções, *tout court*. Por outro lado, não podemos deixar de notar a ironia que constitui a associação do Império Romano à hegemonia anglo-saxónica. Dado o que hoje, fundamentalmente no espaço norte-americano, se entende por «latino» (sobretudo o indivíduo de origem sul-americana, produto histórico da miscigenação europeia, em particular ibérica e como tal de raiz cultural greco-latina, com autóctones americanos e imigrantes africanos), e sendo Roma a *alma mater* da latinidade, como se processa essa relação cultural no contexto norte-americano? Que conceitos culturais se esgrimam aqui? Se, em grande medida, Roma é a referência cultural da anglofonia e do anglo-saxonismo, como se pretende salientar e até mesmo fazer crer, porquê então a catalogação como «latino» de um grupo que convive com problemas de exclusão, de marginalização e de diferenciação sócio-cultural? Como se articula a arquitectura de inspiração greco-latina do poder norte-americano, derivada dos valores da Revolução Francesa, com esse «Outro latino»? Por consequência, qual a relação da matriz irlandesa, por exemplo, culturalmente dominante em determinado uni-

verso norte-americano, com essa Roma de que se fala? Não eram os «Irlandeses» da Antiguidade, os habitantes da Hibernia, tidos como bárbaros pela civilizada Roma latina? Por outro lado, porque não serão os italianos os herdeiros mais directos da latinidade, nos EUA? E, com eles, franceses, espanhóis, portugueses e romenos? A que universo «latino» se ligam estes na sociedade americana? Como os vêem os anglo-saxónicos, os mesmos que buscam actores britânicos para representar heróis e vilões da Antiguidade Clássica, mas utilizam actrizes mexicanas (??) para representar uma mulher da antiga Ibéria, como em *The Gladiator*, por exemplo? Que protótipos se instituíram e que ideologias lhes subjazem? Talvez estes fossem pontos de interesse para debate numa obra deste tipo.

De qualquer modo, há que valorizar o trabalho em causa, pelas abordagens das transculturalidades que apresenta. Uma bibliografia geral e um útil índice final, raro neste tipo de obras conjuntas, complementa os estudos apresentados.

Nuno Simões Rodrigues

AMPARO PEDREGAL RODRÍGUEZ, MARTA GONZÁLEZ GONZÁLEZ, eds., *Venus sin espejo. Imágenes de mujeres en la Antigüedad clásica y el cristianismo primitivo*, Oviedo, KRK Ediciones, 2005, 345 pp. ISBN: 84-96476-38-3.

O estudo com que Domingo Plácido abre este conjunto de textos dedicados às representações da mulher na Antiguidade Clássica, «La construcción cultural de lo femenino en el mundo clásico», começa por trazer à colação as principais problemáticas que se impõem a temas e fontes que sustentam essa área do saber. A colectânea reunida neste volume é, aliás, o resultado de um conjunto de conferências originalmente apresentadas na Universidade de Oviedo, entre 2003 e 2004, sob a organização das Doutoradas Pedregal Rodríguez e González González. Aqui reúnem-se as reflexões de historiadores, filólogos e arqueólogos, na medida em que cada um destes tem uma área de trabalho específica, com metodologias e objectivos específicos, mas igualmente comuns em termos de objectos e interesses.

Como referíamos, o estudo de D. Plácido, um dos nomes conceituados na área da História Antiga, no país irmão, funciona, como aliás as próprias editoras do volume salientam, de introdução geral ao tema,